

# QUEM SÃO ELES?



Os relatos são muitos e terríficos: cortam orelhas de velhos, cortam o seio de mulheres, saqueiam lojas, minam carros de passageiros, cultivam o obscurantismo, raptam, ameaçam, matam. É o primitivismo, o terrorismo puro.

Quem são? Uma massa heterogênea constituída por desertores, antigos sipaios, régulos, bandidos de toda a espécie. Lacaios teleguiados pela África do Sul.

Representam o quê? Nada. São o estertor do feudalismo, do tradicionalismo, do curandeirismo. Res-

tos sanguinários da PIDE, dos GE's, dos FLECHAS, de todo o braço repressivo do colonialismo.

Que alvos preferem? Tudo que seja conquista popular. Destroem aldeias comunais, cooperativas, hospitais, escolas.

Horrorizado, o povo volta a

assistir a uma barbárie só comparável com os mais revoltantes momentos do colonialismo. Volta a ver a sombra de Kaulza ressuscitada. Volta a ver os massacres. Volta a assistir ao derramar de sangue inocente. Volta a ouvir relatos sombrios e, aqui e além, o medo estampado nos olhos puros.

## NÃO OS QUEREMOS

Mas não os queremos na nossa terra. A nossa terra é uma terra de paz. Não são filhos desta terra aqueles que matam, saqueiam e raptam.

A nossa terra é uma terra de trabalhadores. Não são nem camponeses nem operários aqueles que vagueiam pelas matas e atacam de surpresa. Não são nem operários nem camponeses aqueles que se drogaram para melhor matarem, que se embriagam para melhor assassinar, que violam menores fazendo-nos regressar a um passado que todos nós queremos enterrar. Não são trabalhadores aqueles que minam estradas com material da África do Sul. Que disparam com balas da África do Sul. Que recebem abastecimento através de aviões piratas da África do Sul. São o braço mais traiçoeiro dessa mesma África do Sul que não querendo tirar a máscara de uma vez por todas se serve de uma câmarilha de bandidos para levar a cabo todo um plano de agressão à nossa República.

Querem atrasar os nossos planos de desenvolvimento. Querem implantar a insatisfação para criar a indecisão. Querem implantar o terror para dominar pelo medo. Querem-nos confundir para melhor nos assaltarem. Querem reintroduzir o colonialismo, já não português mas sul-africano. São a ponta de lança do «apartheid» que tem aquilo que somos. Aquilo que representamos como novo modelo de sociedade em África.

## DEMARCAÇÃO

Não os queremos porque amamos a paz e eles a guerra. Somos soberanos e eles lacaios. Somos trabalhadores e eles bandidos. Queremos a felicidade e eles a dor.

Matam as nossas avós. Violam as nossas filhas. Assassinaam as nossas mulheres. Que pretendem?

Lá vai um comboio transportando passageiros. É gente de paz. Uma mina explode. O comboio é saqueado...

Que pretendem?

Lá vai um machimbombo. Leva homens, mulheres e crianças. Cai numa emboscada e é queimado. Morrem homens, mulheres e crianças...

Que pretendem?

De manhã a população vai ao hospital. No hospital só há doentes. Aparecem criaturas subumanas, drogadas de suruma, que destroem o hospital e matam os doentes...

Que pretendem?

Os estudantes estão em actividades num centro-internato. De repente ouvem-se tiros. São cercados e raptados. Raparigas de 16 e 17 anos são levadas para as matas sob a mira de armas...

Que pretendem?

Uma camponesa cultiva, pacificamente, a sua machamba. Sorrateiramente surgem criaturas armadas que lhe perguntam onde é a casa do milícia, do secretário da Célula, do deputado, do professor, do membro do Partido. Se diz que não sabe morre...

Que pretendem?

Que vida é esta? São filhos de quem? De que país? De que Pátria?

É gente sem terra e sem pátria. Gente que foi de Smith e que agora é de Botha. Lacaios, bandidos armados.

Raptam cooperantes, matam religiosos.

Eu falo de um país que nasceu e se chama Moçambique onde não há lugar para assassinos organizados. Falo de uma terra com dificuldades, apostada em vencer ela mesma, com ajuda das forças da paz as suas dificuldades. Falo desta terra que construímos com suor. Falo de milhões de moçambicanos congregados em torno do seu Partido. Falo deste ódio ancestral àqueles que nos querem renegar a liberdade que tanto sangue nos custou. Falo de homens e mulheres

que em cada passo galgam séculos de opressão.

## QUANDO A MÁSCARA CAI

Aqui ao lado um exército de mercenários arma-se. Sabe das derrotas dos seus lacaios. Por isso aos poucos a máscara vai caindo. Em Namaacha matou um trabalhador português. Na nossa Universidade matou uma mulher estudiosa. E matou-a da forma mais covarde que se possa imaginar: a morte vinha dentro de um envelope aparentemente inofensivo. Foi assim que mataram Mondlane. Dessa vez um livro.

É a máscara que cai. Aqui ao lado, na África do Sul.



Eu falo da coragem deste Povo que venceu «Nó Górdio». Falo deste Povo que deu os seus melhores filhos para que com o seu sacrifício todos fôssemos livres. Falo de um Povo em armas apostado em defender, contra todos os inimigos, a liberdade que tanta dor já custou. Falo do socialismo que queremos construir. Da batalha heróica que travamos. Dos nossos braços em feixe empurrando o mesmo peso. Falo da muralha que somos. Apesar de, aqui ao lado, olhos de ódio nos espreitarem face à derrota dos seus lacaios.



Sim, preparemo-nos. Um exército de mercenários, aqui ao lado, arma-se face à derrota dos seus lacaios. São os aviões que violam a nossa soberania. São os comandos de reconhecimento que penetram no nosso território. São as ameaças v e l a d a s' pela rádio, a guerra psicológica.

É a máscara que cai e, o verdadeiro inimigo, ergue-se. São os neonazis que não hesitarão em implantar sobre nós uma nova Beirute. Que nos querem assustar com as novas armas que inventam. Que nos querem paralisar com os seus acenos sinistros. Que nos querem amarfanhar com as esteiras dos seus tanques e pulverizar-nos com as bombas dos seus «Mirages» e «Allouettes».

Falo para este Povo que venceu Smith e que vencerá Botha e seus lacaios. Falo para este Povo sem medo.

### RAS/BANDOS ARMADOS A MESMA FACE

Quem mata em Manica são os sul-africanos. Quem pilha em Inhambane são os sul-africanos. Quem viola em Gaza são os sul-africanos.

São os sul-africanos que destroem escolas, hospitais, coopera-

tivas, aldeias comunais. São eles que implantam minas pelas estradas de Sofala. São eles que cortam o seio de mulheres e orelhas de velhos. Os bandos e a RAS são a mesma face da mesma moeda.

São os sul-africanos que destroem pontes e bóias de sinalização. São eles quem queimam marmachimbombos e violam menores. São eles que semeiam o terror acotados nas matas. São eles que criam e fomentam a barbárie.

Os bandos armados são os sul-

africanos vestidos — ironia — de pele preta.

O nosso Povo soube sempre definir o inimigo. Não se deixou enganar pelos Khavandames e Simangos. Rejeitou o canto macabro da Joana Simeão. Soube sempre, em cada fase, definir e vencer o inimigo este povo do meu País.

Quem são esses que armados pretendem criar a barbárie sanguinária na nossa terra?

**ALBINO MAGAIA**

